

Na metade inferior desta fotografia está uma baleia-branca, com o lado direito virado para nós, submerso na água.

Embora o corpo pálido esteja sob a superfície, a boca aberta, a testa bulbosa e o nariz estão à tona no centro do enquadramento.

Junto à face da baleia está a cabeça de um pescador barbudo, com uma camisola e um chapéu de malha, que se debruça na lateral do barco e pressiona gentilmente a sua testa contra o nariz da baleia.

Na água, o olho negro da baleia está virado para cima, ao encontro dos olhos do pescador.

O homem sorri para a baleia e, com os dentes pequenos à mostra, parece que a baleia sorri de volta.

Atrás deles, em segundo plano, as águas azuis profundas dão lugar a colinas verdes que ondulam sob o céu norueguês.

Tirei esta fotografia numa Canon 5D Mark IV a 10 de setembro de 2020 às 15:36.

A fotografia capta a fantástica história de Hvaldimir, a baleia-branca mundialmente famosa, e o vínculo improvável que forjou com este antigo baleeiro.

Começou em abril de 2019, quando o homem da fotografia, Joar Hesten, estava a pescar com o seu pai e irmão próximo de Hammerfest, no norte da Noruega.

Viram uma sombra grande e fantasmagórica a mover-se entre as embarcações. Embora os pescadores estejam habituados a ver baleias nestas águas, nunca tinham visto uma baleia-branca por aqui.

Normalmente, para as encontrar em águas norueguesas, seria necessário viajar mais de 800 quilómetros para Svalbard.

À medida que o Joar e os demais homens observavam a baleia a passar entre os barcos, repararam em algo enrolado à volta da sua forma branca e musculosa.

Assumiram que seria uma rede de pesca até que o pai do Joar gritou: "é um arnês". Apesar de já ter sido baleeiro, o Joar sentiu-se impelido a ajudar.

Se ninguém removesse o arnês, poderia enterrar-se na pele suave, causando um sofrimento incalculável e até a morte.

"Vou entrar na água", disse o Joar ao pai.

Fazendo uso dos conhecimentos obtidos a caçar baleias, o Joar estava determinado a salvar esta.

Com a ajuda das autoridades costeiras, colocou um fato de sobrevivência e lançou-se nas águas frias do mar da Noruega.

Após várias tentativas, o Joar e outros dois homens das autoridades costeiras removeram o arnês.

No arnês estavam escritas três palavras: "Equipamento São Petersburgo".

A baleia foi posteriormente apelidada de Hvaldimir.

Nos meses que se seguiram, Hvaldimir vagueou pela costa norte da Noruega, visitando portos e procurando pessoas.

Recolhia telefones que as pessoas deixavam cair na água e ia apanhar o que lhe atiravam.

Tornou-se um fenómeno global.

Subitamente, o mundo estava a falar de Hvaldimir, nas redes sociais, nas notícias, em todo o lado.

E com a atenção vieram as teorias.

Alguns acreditavam que viria de um aquário.

Ainda assim, muitos insistiam que o arnês estranho e o interesse que demonstrava nos barcos, portos e nas pessoas sugeriam algo mais sinistro: que o Hvaldimir era um espião.

Independentemente das suas origens, Hvaldimir parecia gostar da atenção. O Joar, por outro lado, nem tanto.

Após a época da pesca, mudou de casa para uns 1000 quilómetros a sul, para Lødingen.

Sendo fotojornalista e fotógrafo subaquático, muitos acreditavam que esta seria a história ideal para mim.

Mas eu não cubro histórias que já estão a ser cobertas por outros, e nunca irei perseguir um animal pelo oceano.

No verão de 2020, estava em casa em Lofoten, a sul da aldeia do Joar. Recebi a visita do mergulhador e cientista francês Fabrice Schnoller. Contou-me que o Hvaldimir viajara milhares de quilómetros para sul e tinha chegado ao fiorde onde vivia agora o Joar.

É quase como se esta estranha baleia-branca tivesse seguido o seu salvador uns 1000 quilómetros ao longo da costa.

Uma vez reunidos, o Joar até começara a ajudar o Hvaldimir.

Agora era uma história que eu queria captar.

Falei disto aos meus editores e, juntamente com o escritor Nils Anker, encontrei-me com o Joar e o Fabrice em Ballangen.

A vida do Hvaldimir não era um conto de fadas.

Ele nadava entre explorações piscícolas, comendo o escamudo que se alimentava dos restos que caíam das jaulas de salmão.

Enquanto as explorações marítimas lhe davam o alimento e o contacto com humanos que procurava, tinha sobrevivido a cortes brutais e lesões causadas por hélices de barcos.

Agora, o Joar visitava-o nas explorações com a frequência possível e tentei documentar a sua relação especial.

Sabia que não ia ser fácil.

O Hvaldimir não se comportava como uma baleia e não se encontrava num habitat natural para baleias.

Ao início, quando saltava para a água, o Hvaldimir vinha nadar à minha frente.

A sua pele era suave, fria e macia.

Mas sob essa suavidade está o poder.

Ele era afoito e quase agressivo, abrindo repetidamente a boca grande sobre a câmara e a minha cabeça.

A sua língua parecia lixa.

Estava a dificultar-me a vida.

Uma e outra vez, tínhamos de voltar ao barco enquanto a baleia amuava como um adolescente na água.

Gradualmente, testemunhei e fotografei as suas rotinas diárias.

Tirei fotografias dele debaixo de água à distância.

Vi o animal jovial a dançar sob a superfície, a dormir, a acordar, a perseguir barcos.

Também tirei fotografias do Joar a interagir com a baleia, tiradas acima da superfície.

Mas ainda não havia captado os dois mundos combinados.

De cada vez que o Hvaldimir se tornava demasiado ávido, voltávamos ao barco.

Desta vez, vi a mão do Joar a entrar na água.

O Hvaldimir sabia sempre distinguir as mãos do Joar.

Aceitando-as, a baleia inclinou a cabeça grande e empurrou a pele fria e suave contra as mãos nuas e fortes.

Sustendo a respiração, pude ver como o Hvaldimir adorava claramente a atenção do Joar.

Fascinado, observei o pescador a aproximar o corpo da superfície.

O Hvaldimir fez o mesmo.

A sua cabeça empurrou as mãos do Joar para fora da água à medida que levantava a face.

O Joar sabia que o Hvaldimir queria mais, então inclinou-se sobre os corrimões, esticando a cabeça para baixo contra a baleia.

O chapéu de malha e a cabeça do pescador tocaram na face da baleia.

Ambos abriram as bocas em sorrisos a pressionar um contra o outro.

Sob a superfície, o olho do Hvaldimir olha para cima com afeto.

Eu pensei: "Espero que a foto fique focada". Estava em dois mundos em simultâneo, com a objetiva metade abaixo e metade acima da superfície.

Ficou nítida.

E embora a composição não seja perfeita, a emoção que captou é extraordinária.

Este é um momento que nunca esquecerei, pois mostra duas criaturas de mundos separados a encontrarem-se a meio do caminho, com amor.